

UMA PERSPECTIVA COSMOCÊNTRICO-ECOLÓGICA DO “EU”

Rômulo Gomes de Oliveira

OLIVEIRA, Rômulo Gomes de. Uma perspectiva cosmocêntrico-ecológica do “eu”. *Rhema*, Belo Horizonte, v. 13, ns. s 42/43/44 (Edição Unificada 2007), p. 225-230. 2007.

INTRODUÇÃO

Este breve texto²⁰ desenvolve sua temática a partir de uma livre inspiração na *filosofia dos estádios da existência* do pensador dinamarquês Sören A. Kierkegaard (1813-1855), mais especificamente, em suas obras *Estética e Ética na formação da Personalidade* e *Temor e Tremor* e também na filosofia ecológica do pensador norueguês Arne Naess (1912-), que desenvolveu o conceito de “ecologia profunda” (*Deep Ecology*). Nossa pretensão é apresentar uma outra perspectiva antropológica de concepção do “eu”-indivíduo humano, em que este não ocupa o centro nem a posição de domínio do cosmos, mas vigora no ser como trama de relações estabelecidas com os mais diversos elementos do universo, em todas as dimensões possíveis de sua integralidade, não podendo existir fora de tal complexo *inter-entes*.

BREVE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: PRESSUPOSTOS DO TRABALHO

A noção de indivíduo humano nos três estádios existenciais considerados por Kierkegaard - Estético, Ético e Religioso - nos permite pensar o *ser do humano* como bio, psico e ontologicamente vinculado

20 Texto de base para apresentação de comunicação na Semana de Filosofia do CES/ITASA, 2007.

à alteridade e, até mesmo, dependente dela. Trata-se, propriamente, de um paradigma específico de natureza dialética, que nos possibilita conceber o cosmos como a grande síntese de todos os entes que o compõem e que simultaneamente subsistem.

O filósofo Arne Naess fundou a escola filosófica da *Deep Ecology* no início da década de 70, distinguindo “ecologia superficial” e “ecologia profunda”. Esta distinção é hoje considerada como valiosa para se referir, a provavelmente, mais significativa divisão no que concerne à postura e ao pensamento ambientalistas contemporâneos. A ecologia superficial é antropocêntrica, visto que compreende os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como a fonte exclusiva de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental à “natureza”, ou centralizada no ser humano. A ecologia profunda, diversamente, concebe o mundo não como um conjunto de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos fundamentalmente interconectados e interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos, independentemente dos ditames da humanidade, e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na trama da existência.

A contribuição de Kierkegaard para este trabalho se faz mais na compreensão da estrutura que forma ou constitui o indivíduo, enquanto que a de Naess é mais para a compreensão do lugar do indivíduo humano no conjunto dos seres do universo. O que pesa mais é o valor do ser humano que é rebaixado a um nível comum junto aos outros seres cosmológicos.

A importância desse paradigma está em romper com a concepção analítica do cosmos, que implica a consideração de entes isolados, nucleares e facilmente objetiváveis. Tal consideração está na base epistemológica da compreensão do mundo como “usufruível”, utilizável, disponível, descartável, dominável e susceptível de agressão, seja esta de qualquer natureza.

O paradigma proposto aqui se sustenta sobre uma perspectiva *cosmocêntrica* de valores que se contrapõe à perspectiva antropocêntrica. O cosmocentrismo significa, aqui, uma concepção integrada e holística do cosmos, em que nenhum ente pode ser considerado sem os vínculos que mantém com os outros entes nas diversas dimensões do ser (física, biológica, psíquica e espiritual). Em outros termos, um ente vigora no ser por um conjunto complexo não manipulável de relações, umas permanentes, outras cambiantes.

Assim, o referido trabalho tem uma orientação especificamente antropológica, visando a uma apresentação do *ser do humano*, de sua natureza ontológica relacional, não por um viés essencialista, mas, sobretudo, hermenêutico. Em outros termos, propomos a tentativa de ler a realidade de modo diverso, incluindo o ser humano nessa outra interpretação.

NOS MEANDROS DE UM NOVO PARADIGMA

Em conformidade com o já exposto até aqui, o humano, enquanto ente, se *sustenta*, ou é por meio de complexas relações. Mais precisamente, o ser humano é um complexo de relações, que compõem um tecido irreduzível, ou seja, ele não é simplesmente um eixo ontológico que *mantém* múltiplas relações. Essa distinção entre *ser um complexo de relações* e meramente *manter várias relações com outros* é o argumento central em favor do paradigma cosmocêntrico.

Segundo Kierkegaard, o indivíduo humano vive exclusivamente em um dos três estádios existenciais já mencionados. Um estádio existencial significa uma determinada concepção da existência. Dessa forma, um indivíduo é considerado estético, se concebe sua vida de modo estético; é considerado ético, se concebe sua vida de modo ético, e assim por diante. O estádio estético é caracterizado fundamentalmente pelo predomínio

do egocentrismo do indivíduo. Mas, por outro lado, a pessoa se vê como dependente do ser do outro para viver e ser feliz. O estágio ético é caracterizado por um altruísmo, que permite ao indivíduo valorizar o ser do outro, não simplesmente como necessário à sua sobrevivência ou para seu gozo, mas como ser de valor próprio, de valor em si mesmo. O estágio religioso se fundamenta numa concepção teocêntrica, em que o indivíduo humano faz a experiência do Absoluto; isso nos remete a inadmissível redução dos entes, por nós humanos, a meros objetos. Não somos senhores do universo, pois o absoluto não coincide com nenhum ente cosmológico particular, mas nos transcende, transcende a natureza, possibilitando-nos a visão do valor de uma unidade cósmica.

A conexão existente entre a filosofia dos estágios da existência de Kierkegaard e o nosso trabalho se dá pela estrutura antropológica de ambos, que afirma o indivíduo humano como ser relacional, dependente da alteridade. Cada estágio apresentado por Kierkegaard exige determinados modos de relação com a alteridade, enfatizando uma dimensão específica do ser humano: à ênfase na dimensão biofísica correspondem as relações estéticas; à ênfase na dimensão psíquica correspondem as relações éticas, e à ênfase na dimensão pneumática correspondem as relações religiosas. É importante esclarecer que em todos os estágios o indivíduo vive relações em todas as dimensões citadas; apenas nos interessa ressaltar a ênfase ocorrida em cada estágio.

Nossa inspiração em Kierkegaard provém da percepção de que, independentemente do estágio existencial do indivíduo, ele se manifesta como ser de relações, sempre. O indivíduo é, sobretudo, ser de paixões, isto é, de relações. Ou a pessoa se relaciona com o outro esteticamente, apaixonada por si mesma no outro, ou eticamente, apaixonada pela “alteridade do outro”, ou religiosamente, apaixonada pela transcendência inaferrível e inesgotável do outro. E as idéias de Naess se

encontram com as de Kierkegaard justamente no vínculo que ambos fazem entre mudança de vida e mudança de compreensão da realidade.

Como possível inferência do que fora posto até aqui, a noção de “eu” é ampliada. O “eu” deixa de corresponder a um núcleo individual de um ente humano e se estende à complexa rede de relações que formam o indivíduo. Assim, não se pode mais falar de eu sem outros. Todo eu é “eu-em-com-para-por-outros”.

As conseqüências antropológicas dessa noção específica do “eu” perpassam tanto a estrutura interior quanto a exterior do indivíduo. A primeira, porque o sujeito humano é considerado como unidade de dimensões relacionais (biofísica, psíquica e pneumática), e não como uma estrutura dualista ou monista; a segunda, o indivíduo passa a se compreender e a ser compreendido como interdependente do restante do cosmos: ele não é *o* cosmos nem *no* cosmos, mas *cosmos-com*, ou seja, sua natureza é cósmica.

PROVÁVEIS CONSEQÜÊNCIAS DA ASSIMILAÇÃO OU ACEITAÇÃO DO PARADIGMA COSMOCÊNTRICO- ECOLÓGICO

Podemos pretensiosamente falar de conseqüências *pro-práxis*. O indivíduo que considerar sua ação existencial a partir desse paradigma se relacionará com os outros entes do cosmos de modo altruísta, porque tanto sua compreensão do binômio *eu/ outro* quanto sua forma de organizar suas relações (arranjo “práxico”) se basearão na noção dialética de que *eu* e *outro* são categorias interdependentes; não há identidade sem alteridade e vice-versa. *Eu* e *outro* são construções paralelas interligadas e sincrônicas de caráter dinâmico, de modo que não se pode agredir a um sem

agredir a outro. Cada ente mantém sua identidade que é *co-sustentada* e confirmada pela presença existencial da alteridade.

Portanto, o paradigma cosmocêntrico de valores é também ecológico e econômico no sentido de que favorece a preservação respeitosa do ser do outro. As conseqüências já postas até aqui atingem o ser integral do humano, não se restringindo à sua ação natural ou biofísica, mas abrangem também as outras dimensões: psíquica e pneumática; ou seja, atingem o ser humano como um todo.

BIBLIOGRAFIA

KIERKEGAARD. **Estética y Ética en la formación de la personalidad.** Buenos Aires: Editorial Nova, 1995.

_____. **Temor e Tremor.** São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).

NOTARIO, M. G. **Ecología Profunda y Educación.** Madrid: Universidade Complutense de Madrid, 2005. [Referência sobre Arne Naess]

UNGER, N. M. **O Encantamento do Humano: Ecologia e Espiritualidade.** 2 ed. São Paulo: Loyola, 1991.